



MULHERES & MULHERES: dondocas e proletárias durante a *belle-époque*

Raimundo William Tavares Júnior

Mestre em História Antiga pela UFF.

Professor da Universidade da Amazônia- UNAMA

INTRODUÇÃO

Procuramos trabalhar nessa pesquisa com os ideais a respeito da mulher veiculados por várias instâncias políticas e ideológicas que tentam construir uma imagem de doçura, recato, ócio e submissão a qual se procura alcançar. Esse ideal está intimamente ligado à práticas de controle do corpo e da sexualidade como forma de criar uma família mais compatível com os ideais de um capitalismo em expansão. Como recorte espaço-temporal escolhemos a chamada *belle-époque*, no final do século XIX e início do XX, na cidade do Rio de Janeiro, no momento de profundas reformas urbanas relacionadas ao projeto de urbanização e higienização da cidade.

No entanto, a tentativa de criação do gênero feminino, segundo o projeto das elites, encontrará forte resistência nos meios populares, onde a mulher costureira, doceira, lavadeira, prostituta, em função de sua situação concreta apresentará ideais e comportamentos bastante diferentes dos pretendidos. Para buscar esse ideal de mulher pesquisamos alguns um semanário de ampla divulgação à época, a Revista Fon Fon num período de dois anos de abrangência.

O Brasil e o Rio Janeiro na aurora do Século XX

Com advento da etapa monopolista do capitalismo, aumenta a influência dos países centrais sobre as áreas coloniais periféricas. Isso é viabilizado através do desenvolvimento de técnicas de comunicação e transporte e, a partir de 1873, com a exportação de capitais para empréstimos governamentais e a instalação de uma infra-estrutura de meios de comunicação, transporte e bens de capital para as indústrias extrativas e de beneficiamento de matérias-primas. Dessa maneira é favorecida uma acumulação mais vultosa da produção industrial. Essas mudanças se verificaram principalmente em países que possuíam uma certa acumulação primitiva de capital como o México, Argentina e o Brasil e nas grandes cidades que eram capitais, portos ou as duas coisas.

Essas mudanças, ao nível local, tiveram apoio das oligarquias e setores ligados à importação. No Brasil, isso se dá, nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, "coincidindo" com a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, instauração da República e a hegemonia dos setores oligárquicos ligados ao café.

Ao nível ideológico, essas mudanças tentam passar a idéia de Progresso que nada mais era do que a tentativa de se vivenciar as novas relações de cunho capitalista. Assim, há um maior controle da família e sexualidade. Para a família burguesa se tratava de buscar a diferenciação e superioridade em relação às classes populares o que as leva a se colocarem sob a tutela médica. Para as camadas populares era necessário que se impusessem um tipo de família higienizada, disciplinada, responsável para preparar o trabalhador da nova sociedade. Para isso, a mulher deveria contribuir para que o homem assumisse o sustento da casa, ocupando-se, ela, apenas com o lar e os filhos. Deveria, também, tirar o homem do "cabaret", da rua, diminuindo as despesas sociais do Estado em relação aos desperdícios individuais e ao sustento de orfanatos.

Toda a política em relação às camadas populares foi mais repressiva do que educativa ao se prender vagabundos, destruir cortiços, afastar os pobres do centro da cidade, expulsar grevistas etc. Para os médicos, a preocupação era fazer as famílias produzirem cidadãos ordeiros e trabalhadores, e se expressou mais claramente com as reformas urbanas. Para os juristas, a preocupação era também preparar o cidadão ordeiro, pacífico e com uma nova moralidade, fosse através do controle direto – polícia e punições jurídicas – ou indireto – difundindo papéis e imagens sociais a serem valorizadas, principalmente através dos processos criminais. Em suma, o trabalhador teria que ter obrigações domésticas para se adaptar facilmente à disciplina do trabalho. Era necessário reprimir seu modo de viver, considerando bárbaro e inculcar-lhes valores, formas de comportamento, compatíveis com a nova ordem e vigiar-lhes a rua e o espaço de lazer.

A cidade do Rio de Janeiro possuía no início do século uma população de 691.565 habitantes com um crescimento de 68% entre 1900 e 1920 numa média de crescimento de 3,2% ao ano. As exportações se aceleram na primeira década (63,7%). Há grandes inversões de capital britânico, através de empréstimos, construção de ferrovias e portos. Com a consolidação da República são afastadas da cena política as elites tradicionais e grupos republicanos mais radicais. Observa-se, também, uma intensa atividade econômica, financeira e industrial.

A população recebe grande fluxo imigratório¹, tornando-se culturalmente heterogênea e aumentando as rivalidades étnicas e nacionais. Com o aumento populacional diminuem as oportunidades de emprego e os salários. Em consequência, aumenta a carestia, doenças, dificuldades de moradia, superlotando-se as casas de cômodo, estalagens, cortiços e aparecendo as primeiras favelas. Há um aumento da frequência aos botequins, aumentam os vagabundos, mendigos, criminosos, alcoólatras, prostitutas e subempregados. Nesse cenário a reforma de Pereira Passos tenta consolidar a nova ordem com seu ideário de progresso e higienização. Na verdade, atinge os objetivos do capital, beneficiando os setores ligados à construção civil, aos meios de transportes e ao grande comércio importador, articulado ao capital internacional. Se propõe a acabar com a imagem da cidade insalubre e insegura. Com a imundície a promiscuidade, afastar o perigo das barricadas a atrair o capital internacional.

Refletindo o panorama cosmopolita da cidade do Rio, no início do século a Revista Fon Fon publica este artigo²:

O Rio é uma cidade cosmopolita

(...) Com efeito, aqui há gente de todas as nacionalidades, desde o inglês dos bancos até o chinês que vende camalô e fuma ópio no beco da Música – passando pelo português comerciante do subúrbio, o turco fófo barato, o italiano das verduras, o alemão das casas de chop e o judeu das casas de penhores que pode ser inglês, francês ou alemão, mas no fundo é sempre judeu³.

O ideal de trabalho e enriquecimento pelo trabalho que a nova ordem tenta impor é exemplificado nessa suposta carta de um carregador a um deputado que estava tentando instituir a proibição do trabalho aos domingos:

(...) Sou carregador e livre pensador (...) Sou forte, muito forte mesmo, agüento muitas arroubas na cabeça e como não tenho montepio, nem espero uma pensão do congresso, trabalho muito, pois quero fazer pecúlio para negociar ou comprar terras; por isso pego tudo, topo tudo,

qualquer carroto, faça sol ou chuva, seja dia de festa ou não. O seu projeto não consulta os meus interesses (...) minha saúde e minha robustez só podem o descanso do sono; Segundo (...) o meu dever é trabalhar para enriquecer, pondo de parte, pontos de vista religiosos a respeito do repouso semanal (...) amo a sociedade, quero-me rico, conde do Papa, proprietário e Vereador⁴.

Esse artigo, além de colocar na boca de um suposto carregador – que dificilmente seria alfabetizado e se exprimiria nesse tipo de linguagem – a recusa de tirar um dia da semana para descanso – o que está mais próximo do ideal patronal da época (ainda estamos longe da legislação trabalhista) também passa a idéia de que o trabalho é o principal meio de ascensão social, escondendo a mais-valia presente no sistema capitalista.

O Cotidiano das Camadas Populares

A Moradia

A cidade do Rio de Janeiro, no início do século, sofreu um grande crescimento populacional, em decorrência, principalmente da imigração. Com isso, aumenta a demanda por habitação o que o encarecerá preço do aluguel. A população pobre procurou, de preferência morar nas freguesias centrais, onde havia o centro dos negócios, proximidade do porto e casas comerciais. Era ainda, no centro, onde se estabeleciam atividades artesanais, manufatureiras, comerciais e industriais.

O tipo de residência das camadas populares eram principalmente as casas de cômodo, estalagens, cortiços e mais tarde as favelas. As casa de cômodo eram velhos casarões em que o interior era dividido em pequenas partes. Nessas minúsculas divisões, muitas vezes habitavam um número elevado de indivíduos. As estalagens compunham-se de pequenas casinhas ao redor de um pátio onde havia lavanderias e aparelhos sanitários. O cortiço oferecia condições mais miseráveis do que as estalagens. Interessante observar é que para as elites havia uma hierarquização que ia das casas de cômodos, considerada inferior às estalagens e cortiços. Essa hierarquização baseava-se na oposição: vida coletiva promíscua / vida familiar individualizada⁵.

Nesse momento, negros e imigrantes conviviam com nas mesmas condições. Apesar da insalubridade dessas moradias, havia relações comunitárias bastante fortes, e, nos cortiços, a presença da taverna ou armazém e outros serviços como: alfaiates, sapateiros, marceneiros, latoeiros e restaurante.

Com a urbanização promovida pela Reforma Pereira Passos, houve o deslocamento em massa dessas populações para as áreas mais periféricas da cidade, obrigando o gasto da população com o transporte. Vale lembrar ainda, que além das precárias condições habitacionais, a população pobre era objeto de incessante vigilância policial, não só nos locais que freqüentavam – ruas, quiosques, botequins – como nas suas próprias moradias.

O lazer e manifestações culturais

As ruas, praças, quiosques, botequins, sociedades dançantes, constituíam o espaço de lazer preferido pela população pobre. No entanto, como já foi dito acima, a ação policial vigiará e muitas vezes impedirá o acesso da população a esses locais. A polícia procurará reprimir suas manifestações culturais como: os terreiros, o jogo do bicho, o samba, a capoeira. Serão perseguidos também, principalmente a partir de 1903, os vadios, ébrios, prostitutas, cartomantes, mendigos, capoeiras, caftens, etc.

As tavernas ou armazéns da esquina se constituíam em ponto de encontro das camadas populares. As mulheres e crianças conversavam das janelas abertas e nas calçadas. A praça em torno da igreja, era junto com a taberna, local de reunião, principalmente de mulheres, onde se vendiam ervas, amuletos e havia curandeiras e cartomantes.

Os festejos religiosos davam aos pobres oportunidade de autoidentidade e expressão. O festival do santo só se torna solene durante a missa. Os mafuás eram festividades para ajudar a construção de matrizes nos subúrbios. Aconteciam, aos domingos, nas praças onde montavam pequenas barracas em que se vendia quase tudo.

Se as elites moradoras do Botafogo, Laranjeiras e Tijuca ouviam música operística, valsa, modinha e os setores médios tinham preferência pelas polcas, quadrilhas e schottisches; as camadas populares preferiam o samba, o maxixe e o batuque. No carnaval popular estava presente os cordões, blocos e ranchos da Praça Onze (chamada de pequena África pela presença marcante de traços culturais de ex-escravos baianos). O carnaval tinha o caráter universalista, cósmico dando ênfase "a categorias mais abrangentes como a vida em oposição à morte, alegria em oposição à tristeza, os ricos em oposição ao pobres"⁶.

Apesar da intensa repressão direta e ideológica, as populações pobres afirmam sua identidade, no período estudado, e, em alguns momentos resistirão de forma violenta através de motins espontâneos ou na Revolta da Vacina em 1904. O conflito também se fazia presente no interior de micro-grupos populares como momento de disputa de poder ou extravasamento de tensões.

A mulher

O ideal de mulher

No tocante a mulher havia todo um ideal vivenciado pelas elites. Esse ideal tinha raízes nos trabalhos de Lombroso para quem a mulher era biologicamente inferior ao homem, no positivismo de Comte que achava as mulheres como complemento ao homem através do: "amor materno", ternura, simpatia, pureza, moral mais elevada; e da medicina que atestava a: sua fragilidade física, delicadeza, debilidade moral, sentimentalismo, imaginação viva, indisposição para atividade intelectuais, sendo suas principais virtudes: fraqueza, sensibilidade, doçura, indulgência, recato e submissão.

As mulheres que não realizassem o ideal do amor matrimonial e de maternidade seriam discriminadas como: solteiras, prostitutas, apaixonadas. A mulher não deveria: sair só, ir à determinados lugares como bordéis, não efetuar pândegas, ir à bailes, freqüentar hospedarias, fantasiar-se, sair à noite a menos que fosse para reuniões privadas em bailes, teatros, jantares e recepções.

As relações sexuais deveriam ocorrer dentro do casamento, sendo desculpadas as relações extraconjugais do homem por ser "biologicamente" inerente a ele.

Reproduzindo o ideal de mulher, mais facilmente aplicado àquelas da elite temos o seguinte artigo do "Fon Fon": "Os sábados do Fon Fon. (...) Uma bela senhora Mm^e Bulhoens Silva grande e esbelta, com umas mãos de estátua e um pensativo de cegonha."⁷

Falando de um bilhete por ela enviado: "(...) um clássico bilhete de grande dama róseo, perfumado escrita num nervoso e com a caligrafia irrepreensível das moças d alta educação."⁸

No fundo, a idéia que se tinha é que havia uma suposta natureza feminina que, de acordo com o nível de educação poderia ou não, ser aprimorado. Outro pequeno verso procura sintetizar a "mulher": "Pensamento Profundo (Dr. Picolino). Em quatro verbos se define a mulher: mamar, amar, domar e teimar."⁹

Temos agora a visão preconceituosa das elites acerca do divertimento das empregadas domésticas:

"Criadas ... que catam

Alegres rouxinóis da... cozinha e do... tanque. Conhecem de cor e salteado todo o repertório carnavalesco do Chuveiro de Prata e da Flor de Botafogo e são freqüentadoras assíduas dos bailes das Mutações.

Enquanto a panela ferve com o jantar dos patrões, ou enquanto ensaboam a lingerie diária, distraem-se cantando, numa vozinha fina e aflautada o último sucesso dos cordões amados, a última novidade das modinhas populares.

(...) à noite preparam-se e vão espiar o seu guarda civil ou o seu Mata-Mosquito. Às quintas e domingos perfumam-se medonhamente para disfarçar um pouco a gasolina e vão à avenida Beira Mar.

Chama-se Maria... ou então... Doroles e Carne¹⁰

Temos ainda o preconceito contra a mulher que não alcança o ideal feminino do casamento e maternidade: "Dr. Picolino: a solteirona é sempre uma obra que não encontrou editor."¹¹

E por último, a visão de mulher e de sua futilidade, vista pelas elites nesta sátira a um suposto Clube Feminino:

"Ladies Clube

Nesse futuro clube (...) vão ser tratadas importantes questões. Será objeto de debate a extinção completa do registro de nascimento. Só assim (...) acaba-se (...) com o termo de idade que tanto faz sofrer às senhoras.

Em seguida, a assembléia estudará os melhores feitos das mangas dos vestidos, o comprimento das saias, as aves que devem enfeitar os chapéus e outras presentes cogitações do belo sexo.

Haverá semanalmente lições de suspender o vestido, de pisar e usar o leque (...) O edifício do clube será na Av. Central, canto da R. do Ouvidor, cuja entrada será absolutamente vedada aos homens, havendo no vestibulo uma grande estátua em homenagem à costureira, com quatro baixo relevos alegóricos à Fábrica de Tecidos, à de Perfumes à de Sapatos e ao... Talento dos homens."¹²

A mulher das camadas populares

Pelas próprias condições objetivas e valores diversos dos dominantes, frutos de determinadas opções culturais¹³, as mulheres pobres vivam de forma diferente à mulher da elite. Os valores das classes dominantes ou eram rejeitados ou redefinidos, reinterpretados dentro da realidade daquelas mulheres.

Dessa maneira, as mulheres pobres, em grande parte não se adaptavam às características dadas como universais ao sexo feminino como: submissão, recato, delicadeza, fragilidade. Elas trabalhavam muito, inclusive realizando a dupla jornada de trabalho, na maioria das vezes ainda brigavam, falavam palavrões etc.

"Tinham relações sexuais sem passarem por um longo namoro; declaravam conquistas amorosas, sentiam prazer na relação sexual, procuravam este prazer, contrapondo o ideal da elite da maternidade. Saíam só, voltavam tarde, não renunciavam ao lazer da rua ou a necessidade de sobrevivência. Usavam um vocabulário por vezes 'vulgar' não trocavam um amasiamento amoroso por um casamento formal."¹⁴

O ideal de virgindade, casamento e honestidade tinha valor diferente do das classes dominantes.

"Os compromissos afetivos eram geralmente decididos sem intervenção de nenhum familiar, não havia prazos, horas e lugares para suas saídas, namoravam, transitavam sozinhas pelas ruas e bondes da cidade

sem dificuldade e decidiam sobre roteiros e companheiros a qualquer momento.”¹⁵

Não havia uma associação entre virgindade e casamento, ocorrendo relações sexuais, via de regra, antes do casamento. Aliás o amasiamento quase sempre substituíu o casamento formal, seja por dificuldades financeiras ausência de propriedade ou por opção. No amasiamento a relação entre o homem e a mulher era mais igualitária do que no casamento das elites. Para a realização do amasiamento ou casamento das mulheres pobres não havia a necessidade de cumprir o ritual do flirt¹⁶, namoro e noivado que eram vigentes entre mulheres da elite. Vejamos agora como se desenrola o namoro das elites e como estava afastado do dia a dia das mulheres pobres.

“Fases da Lua

Primeiros idílios castos e tímidos.

Êxtases das primeiras contemplações. Beijos das primeiras liberdades. A sala discretamente às escuras. Infundáveis narrações cotidianas daquele atribulado amor, a que o papai se opunha e que a mamã protegia às ocultas e a Genoveva, a criada, ajudava. O cenário é o de sempre – um recanto da janela à noite. Primeiros beliscões, primeiras liberdades, enquanto a mamã veneravelmente derramada na solidez amparadora da vasta cadeira de balanço cochila calmamente.”¹⁷

Enquanto as mulheres das classes dominantes levavam uma vida de ócio, as mulheres pobres se inseriam cedo em atividades produtivas e não encaravam as funções econômicas incompatíveis com a feminilidade, embora também desempenhassem o serviço doméstico.

“Estas mulheres, em sua maioria, não se casavam e tinham que trabalhar muito. Exerciam tarefas consideradas mais adequadas às mulheres como: lavadeiras, engomadeiras, costureiras, doceiros, rendeiras – que eram as menos remuneradas. Algumas exerciam o pequeno comércio e, com a existência de algumas indústrias, havia também operárias. Muitas eram prostitutas.”¹⁸

Apesar de uma maior autonomia, a mulher pobre sofria violências: devido a falta de trabalho muitas vezes eram obrigadas a ocupar espaços nas áreas condenadas pelo sistema como: cartomantes, bicheiras, prostitutas, vagabundas e por isso eram vítimas constantes das arbitrariedades policiais. O desconhecimento do corpo, a ignorância acerca da sua sexualidade impedi-as, muitas vezes, de usufruir o prazer. O hábito de se considerar a mulher como objeto descartável, substituível na velhice, a dupla jornada de trabalho, a contradição entre o ideal da maternidade e a necessidade de trabalhar fora – sem tempo suficiente de socializar os filhos – também foram e ainda são formas de violência sobre as mulheres das classes subalternas.

E, contrariando o ideal de fragilidade, ternura e submissão, a mulher pobre brigará com vizinhas, locatárias e até com seus companheiros e exercerá, muitas vezes, de violência inusitada contra crianças e menores que lhe estavam subordinados.

CONCLUSÃO

O mais importante deste trabalho foi comprovar que as camadas populares foram capazes de redefinir e vivenciar valores outros que não o que lhes queriam impor as elites, com sua idéia de progresso e higienização. Isso é explicado pelas condições concretas de sua existência como também por opções por outros valores culturais pré-existentes. A

mulher dessas camadas vivenciará sua sexualidade de forma diferente ao ideal, como estabelecerá relações diferentes com seu companheiro, trabalhará, estabelecerá outras formas de lazer e oferecerá resistência pacífica e violenta ao padrão vigente da mulher meiga, frágil, materna e fria sexualmente.

Isso nos leva a reafirmar que, embora a ideologia dominante tente se impor a toda a sociedade, isso não se dá de forma mecânica e pacífica. As camadas populares reagirão e, contraditoriamente, muitos dos seus traços culturais, considerados bárbaros acabarão por se impor às elites. É o caso do carnaval, como era vivenciado pelo povo, do samba, terreiros e até do violão.

Acreditamos também, que a reação popular, frente a dominação – consubstanciada na idéia de progresso – das elites, no período estudado, tem sucesso parcial. Pois, se garante certo espaço de manifestação dos valores populares, não tem, ou não pretende ter nenhum projeto de mudança global da sociedade.

1. Ex-escravos, portugueses, espanhóis, italianos, sírio-libaneses, etc.
2. Todos os artigos extraídas da Revista Fon Fon serão colocados na ortografia ora vigente
3. Revista Fon Fon nº 17
4. Revista Fon Fon nº 16
5. Soihet, Rachel, *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989. p. 143
6. Soihet, Rachel, op. cit. p. 60
7. Revista Fon Fon n.º 1
8. Idem n.º 1
9. Idem n.º 2
10. Revista Fon Fon n.º 6
11. Revista Fon Fon n.º 16
12. Revista Fon Fon n.º 18
13. Esteves, Martha de Abreu. *Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano*, IFCS-UFF, 1987
diss. de mestrado mimeografada . p. 237
14. Idem, ibidem p. 229
15. Idem, ibidem p. 302
16. Conjunto de olhares e gestos simbólicos das elites que antecediam o casamento. Esteves
Martha ob. cit. p. 274
17. Revista Fon Fon n.º 2
18. Soihet, Rachel ob. cit. p. 23